



APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR: DISCURSOS, PRÁTICAS E SABERES EM CIRCULAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

*Glenda Cristina Valim de Melo*¹
*Nilma Lino Gomes*²

A proposta do Dossiê “Movimento Negro Educador: discursos e saberes em circulação da América Latina”, nasce do projeto de cooperação internacional intitulado “O movimento negro educador, discursos, práticas e saberes em circulação na América Latina³”, que pretende compreender e analisar, segundo uma perspectiva multissemiótica, os discursos raciais e as interseccionalidades em contextos educacionais, midiáticos, políticos, culturais, turísticos, comunitários e artísticos no Brasil e em outros países latino-americanos, reconhecendo a potência do Movimento Negro Educador na construção de políticas, projetos e práticas antirracistas. Entende-se que tal

¹ Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Departamento de anglo-germânicas e do Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora Bolsista produtividade do CNPq e vice-coordenadora do INCT Antirracismo/CNPq. E-mail: glendamel09@gmail.com e ORCID <https://orcid.org/0000-0002-1878-5710>. Agradeço ao CNPq pelo apoio (Processo 305302/2022-1).

² Professora titular e emérita da UFMG, Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, pós-doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra e em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Atua como professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social da FAE/UFMG e como professora visitante do Programa de Pós-graduação em Educação da UFOP. É Coordenadora do INCT Antirracismo/CNPq. E-mail: nilmalinogomes@gmail.com e ORCID <https://ORCID.org/0000-0002-0767-2008>. Agradeço ao CNPq pelo apoio (Processo 316741/2023-0).

³ O Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina, coordenado pelas professoras Glenda Cristina Valim de Melo (UFRJ) e Nilma Lino Gomes (UFMG), vigência 2023-2027. Agradecemos ao CNPq (Processos 441968/2023-6 e 409067/2024-5), pelo apoio.



movimento traz contribuições incalculáveis ao continente ao colocar em circulação políticas públicas, estéticas, linguagens e direitos para a população negra. Sendo assim, este Dossiê tem por objetivo apresentar uma série de entrevistas realizadas com intelectuais de distintos países da América Latina para discutir os efeitos e as contribuições desse movimento tanto na sociedade latino-americana como nas pesquisas realizadas por essas pesquisadoras e esses pesquisadores. O Dossiê é composto por 18 artigos em três línguas, são elas: Língua Portuguesa, Espanhola e Inglesa, promovendo, assim, a disseminação do conhecimento para um público plural e interessado na temática. As entrevistas foram gravadas ao longo de 2025 e norteadas por questões que buscam contribuir para uma reflexão sobre o impacto do Movimento Negro Educador em parte do continente anteriormente citado. Participaram delas, estudiosas e estudiosos de áreas distintas e de cinco países (Argentina, Brasil, Colômbia, México e Uruguai), o que indica o caráter in/inter/transdisciplinar que embasa as conversas realizadas e consequentemente os artigos aqui apresentados. Cada participante contribuiu com análises sobre o debate racial, o Movimento Negro Educador e linguagem-discurso considerando sua formação, suas pesquisas e o contexto geopolítico no qual se situam. Tais aspectos propiciam pensar não apenas sobre a plasticidade do conceito Movimento Negro Educador, mas sobre a sua permeabilidade na própria América Latina, em especial, fora do eixo brasileiro.

Ao longo das entrevistas, partimos de duas perspectivas teóricas, a primeira está relacionada ao conceito de Movimento Negro Educador, proposto por Gomes (2017, 2025) e a segunda se refere à concepção de linguagem-discurso que embasa a proposta desse número temático.

O Movimento Negro tem sido um ator relevante para o avanço das políticas e de direitos que beneficiem a população negra no cenário



latino-americano há séculos. Com abordagens distintas em cada país, esse movimento propõe uma lógica que centra a população negra no debate social, não apenas denunciando o racismo, mas construindo pontes de esperança para uma população ainda desumanizada e inviabilizada em alguns contextos. Para além disso, de acordo com Nilma Lino Gomes (2017), esse movimento exerce, também, a função de educar a sociedade no reconhecimento e combate ao racismo. Segundo a autora, o educar ocorre nas ações realizadas de denúncia e de anúncio.

Entende-se por movimento negro[...] as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o objetivo explícito de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento com as barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade. Trata-se de um movimento que não se reporta de forma romântica à relação entre os negros brasileiros, a ancestralidade africana e o continente africano da atualidade, mas reconhece os vínculos históricos, políticos e culturais dessa relação, compreendendo-a como integrante da complexa diáspora africana. Portanto, não basta apenas valorizar a presença e a participação dos negros na história, na cultura e louvar a ancestralidade negra e africana para que um coletivo seja considerado como movimento negro. É preciso que nas ações desse coletivo se faça presente e de forma explícita uma postura política de combate ao racismo. Postura essa, que não nega os possíveis enfrentamentos no contexto de uma sociedade hierarquizada, patriarcal, capitalista, LGBTfóbica e racista (GOMES, 2017, p. 23-24).



Kabengele Munanga (2026)⁴ nos recorda que o movimento negro ganha existência nas milhares de revoltas nas senzalas realizadas pelas pessoas negras escravizadas, durante o processo de escravização. Esse movimento passa pela abolição, pelo pós-abolição, pela ditadura cívico-militar e chega até a atualidade contribuindo para a democracia e a construção de equidade no país, colocando em pauta temáticas que movem a sociedade. De outro modo, podemos considerar as práticas de resistência desse movimento desde as formas cotidianas desenvolvidas por africanos e africanas e seus descendentes até a formação de quilombos e palenques. Especialmente, a partir do século XX, essas formas de resistência transformam-se em organizações negras em prol do combate ao racismo, as quais, atualmente, realizam mobilizações nacionais e internacionais antirracistas. Um exemplo a ser dado é a profícua atuação das mulheres negras ativistas e o estabelecimento do Dia 25 de julho como Dia Internacional da Mulher Negra Afro-latino-caribenha, em 1992, reconhecido pela ONU.

Podemos dizer que de um lado, esse movimento propicia à população negra saberes e conhecimentos que fortalecem os variados modos de resistir, denunciar e lutar por direitos reconhecendo a pluralidade das pessoas negras nos mais diversos setores da vida. Por outro lado, ele tensiona e ensina uma população não-negra a (re)conhecer os meandros, os efeitos do racismo e da branquitude em toda a sociedade que podem impactar no engajar-se nas práticas antirracistas. O Movimento Negro Educador, como vemos ao longo da história, com seus tentáculos rizomáticos age de diversas maneiras nos

⁴ Conversa com Griot publicada no Youtube e no Spotify do INCT Antirracismo, e no Spotify do <https://youtu.be/luHk80IM3DQ?si=OvzXp5cUluzph7qQ> e <https://open.spotify.com/episode/5PQxq5kTjiNkjDC9bJwqfq?si=EgPb2aKQQEmm6vBdv88v1g>, em 10 de julho de 2026.



aspectos citados, apontando para uma força epistêmica, também, no campo da ciência.

Assim, considerando a força das ações do Movimento Negro Educador realizadas em diversas práticas semióticas, destacam-se as múltiplas linguagens e as questões discursivas como centrais para refletirmos a respeito das contribuições do movimento, uma vez que é na linguagem e no discurso (articulada ao histórico, social e cultural) que, também, essas ações são construídas e afetam o mundo. Esse movimento, composto por pessoas plurais, coloca em linguagem suas denúncias e seus anúncios fazendo com que a sociedade reflita pelas múltiplas semioses que produz e circula. Os impactos podem ser observados, no cotidiano, por exemplo, no número crescente de denúncias de ações racistas nas delegacias brasileiras.

Cabe destacar que a característica central do Movimento Negro Educador é a sua capacidade e a potência de ser um sistematizador, articulador, sistematizador, divulgador e produtor de saberes produzidos pela população negra ao longo da história. Esse conjunto de saberes emancipatórios, segundo Gomes (2017) são identitários, políticos, estético-corpóreos, interseccionais e da indignação. Eles educam e reeducam os mais diversos espaços e instituições sociais, o Estado e a produção do conhecimento. Ao fazer isso, o Movimento Negro Educador educa e reeduca a si mesmo. Trata-se de uma plasticidade política e epistemológica capaz de romper fronteiras, denunciar o racismo, produzir novas linguagens e ressignificar a experiência afrolatinoamericana na diáspora africana.

Os discursos afrolatinoamericanos e afrodiaspóricos em circulação possuem implicações políticas e culturais que se interseccionam. Ao ser pensado no contexto afrolatinoamericano o Movimento |Negro Educador



encontra-se com a categoria amefricanidade construída por Lélia Gonzalez. Gonzalez (2020) nos alerta para o fato de que a amefricanidade: (...) nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: a AMÉRICA como um todo (Sul, Central, Norte, e Insular).

(...) Seu valor metodológico, a meu ver, está no fato de permitir a possibilidade de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo (p.135).

Podemos dizer, no contexto da pesquisa “O movimento negro educador, discursos, práticas e saberes em circulação na América Latina” que essa unidade historicamente forjada, como afirma González (2020) organiza-se em torno da linguagem, entendida como prática social.

Sendo assim, partimos do pressuposto de que a linguagem é constitutiva da vida social, produzindo efeitos simbólicos e práticos em diferentes ordens discursivas, criando hierarquias sociais, estabelecendo silêncios e tabus, e, também, performando arenas de disputa, resistência e reinvenção que buscam alianças, reconhecimento e emancipação das normas socialmente impostas às pessoas negras. Podemos dizer que o Movimento Negro Educador realiza na e pela linguagem (artística, educacional, histórica, midiática, turística), no e pelo discurso, ações que movem a sociedade. Além disso, ele também é construído pelas ações articuladas a aspectos históricos, culturais e sociais movimentados na sociedade que se dão em linguagem-discurso. A linguagem, em suas multifacetadas faces e semioses, faz circular nos textos produzidos pelo movimento, discursos, ideologias, memórias e valores, cujos efeitos são atemporais e incalculáveis. Como a



linguagem-discurso não está separada da raça e nem das práticas sociais (MELO, 2019), ela constrói o Movimento a cada circular de ações discursivas que percorrem a vida. De acordo com Fanon (2008, p. 33), há uma importância na linguagem que precisa ser considerada:

uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro.

Partindo dessa visão de linguagem como ação, articulada à história, cultura e ao social, entende-se, então, que a linguagem constrói raça, ou nas palavras de Hall raça é uma “categoria discursiva” (HALL, 2006, p.67). Sendo assim, raça é uma ficção, como pontuam, em diferentes épocas, Césaire (1978), Carneiro (1995), Gonzalez (1984), Fanon (2008) e hooks (2008). Dito de outro modo, ao usarmos a linguagem, realizamos ações sobre raça, racismo, supremacia branca, branquitude e interseccionalidades. Elas não estão apartadas da linguagem e do discurso como discutem (SOUZA, 2011, e MELO, 2025). Nela, ocorrem ações discursivas desse movimento secular que atravessa o próprio pensamento de Brasil. Tal aspecto pode ser observado nas mudanças nas políticas públicas, via legislação, conquistadas pelas lutas do Movimento Negro.

Segundo Milton Santos (2002), podemos dizer que tudo passa pelo discurso. Nesse sentido, partimos da perspectiva de que práticas discursivas e práticas sociais são indissociáveis. O debate crescente sobre o racismo é um dos efeitos discursivos das ações do Movimento Negro Educador. Sendo assim, neste Dossiê, o discurso é compreendido como práticas multissemióticas que, agregando múltiplos signos (linguísticos e não linguísticos), agem no mundo social, afetando pessoas e ambientes interacionais. Desse modo, ao empregar recursos verbais, imagéticos e



sonoros, entre muitos outros, forjamos modos de ação. Em outras palavras, construímos orientações pedagógicas de como ser, dizer, interagir e valorar em diferentes espaços sociais. Tais lições são estruturantes e formativas. Não são neutras, sendo articuladas segundo visões de mundo e sistemas de conhecimento específicos. Não descrevem, portanto, estados de coisas naturais. Nessa ótica, podem ser transformadas por outras pedagogias.

Para além do exposto, esse Dossiê coloca em convergência uma produção teórica latino-americana sobre a questão racial, que ainda carece de maior diálogo entre si, principalmente, por meio das reflexões, ações de trocas e cooperação internacionais interdisciplinares e interseccionais. Nesse sentido, os artigos congregam reflexões segundo uma perspectiva antirracista, democrática e de diálogos Sul-Sul (REGIS, GOMES e NHALEVILO, 2022).

Com base nessas premissas, o primeiro artigo, “O movimento negro educador: a construção de um conceito”, de autoria das professoras Nilma Lino Gomes, Glenda Cristina Valim de Melo e Branca Fabrício, traça as bases de construção do conceito. As duas últimas pesquisadoras entrevistam a professora emérita, buscando conhecer mais detalhes sobre a construção do conceito Movimento Negro Educador. Nilma Lino Gomes, ao longo do texto, explica como em sua trajetória pessoal e política como mulher negra, marcada por vivências de racismo e o contato transformador com o movimento negro fizeram a estudiosa refletir sobre a relevância do movimento. A partir dessa vivência, Nilma Lino Gomes formula o conceito de Movimento Negro Educador, compreendido como um conjunto de práticas, saberes e ações políticas produzidas historicamente pela população negra. O artigo discute como saberes políticos, identitários, estético-corpóreos, e interseccionais são organizados, sistematizados e transformados em reivindicações e intervenções que reeducam tanto o próprio movimento quanto a sociedade.



Em uma perspectiva dialógica, o segundo artigo, “Linguística Aplicada, História e Antropologia: o movimento negro educador transformando as epistemologias e agendas de pesquisa”, de autoria de Glenda Cristina Valim de Melo, Lina Rosa Palomo Berrio e Samuel Silva Rodrigues de Oliveira, aborda a relação das áreas mencionadas com o conceito de Movimento Negro Educador, em contexto brasileiro e mexicano. As pesquisadoras e o pesquisador produzem uma análise dos campos disciplinares e das próprias agendas de investigação, articuladas ao conceito em discussão no dossiê. Além disso, discutem sobre o impacto do movimento nas questões contemporâneas da descolonização, no racismo, no antirracismo e na crise das democracias com a ascensão do conservadorismo e da extrema direita.

Quanto ao terceiro artigo, “Movimento negro educador: desafios epistemológicos e transformações em curso”, autoria de Ana Karina Moreira Godoy, Branca Fabrício e Martha Cecília Mosquera Urrutia, a interação aponta para aspectos entre Brasil, Colômbia e Uruguai articulado com áreas da saúde, humanidades e exatas. As estudiosas aprofundam suas reflexões sobre o Movimento Negro Educador como uma força transformadora que promove subjetividades afrodescendentes coletivas que valorizem suas identidades culturais, raciais e epistêmicas. Nessa perspectiva, observa-se, o caráter multifacetado do movimento – político, educacional, linguístico, cultural e psicológico – e seu potencial para remodelar os imaginários sociais na América Latina. O diálogo revela a necessidade de desconstrução dos privilégios da branquitude e na promoção de uma democracia mais igualitária.

Já o quarto artigo, “Diálogos desde a afrodíaspóra: reflexões transnacionais”, tem a autoria de Anny Ocoró Loango e Natalino Neves da Silva. Em uma conversa que circula entre as realidades da Argentina e Brasil, a estudiosa e o estudioso abordam as contribuições teóricas e práticas do



Movimento Negro Educador. A conversa ainda trata das possibilidades, potencialidades e perspectivas da incorporação desse conceito em abordagens de caráter político, sociocultural e acadêmico etc., em contextos transnacionais negro-africanos.

Em relação ao quinto artigo, “Sobre a arte, culturas e reexistência: olhares para o movimento negro educador na contemporaneidade”, autoria das estudiosas Ana Lúcia Silva Souza, Maria Laura Pardo e do estudioso Paulo Melgaço Silva Júnior, aborda a arte como veículo de libertação e identidade, a importância do corpo e do discurso como manifestação da subjetividade e grupos em situação de vulnerabilidade que compartilham lutas com o Movimento Negro e a relação sul-sul. Esses tópicos atravessam este artigo a partir de uma perspectiva crítica, interseccional e decolonial, observando ainda a pobreza como um aspecto central para o contexto argentino, enquanto o aspecto racial torna-se central no Brasil.

Por fim, o artigo “Três visões sobre o movimento negro educador: discursos, práticas e saberes em circulação na América Latina”, de autoria de Jonas Henrique de Oliveira, Maria Amália Silva Alves de Oliveira e Rodrigo Rossistolato, são apresentadas possibilidades pedagógicas e investigativas trazidas pelo debate sobre o Movimento Negro Educador com base em suas áreas de atuação (turismo e ciências sociais) em dois estados brasileiros: Rio de Janeiro e Piauí. São pontuadas perspectivas convergentes sobre duas das ramificações das discussões sobre o movimento negro educador: seu potencial heurístico e formativo. Além disso, a pesquisadora e os pesquisadores relacionam o conceito às suas investigações ampliando, dessa forma, o conceito para outros campos.



Os artigos que compõem esse Dossiê podem contribuir para refletirmos sobre o Movimento Negro Educador na América Latina e pensarmos como o antirracismo e a luta por direitos são relevantes para a construção de uma ciência e de uma sociedade mais equânime e democrática. Esse dossiê ao colocar em circulação conhecimentos e saberes tão relevantes aponta para futuros promissores e esperançosos em linguagem e em discurso.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 544-552, 1995.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Prefácio de Mário de Andrade. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: RJ, Vozes. 2017.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro Educador, saberes emancipatórios e a construção de um projeto democrático. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 16, n. 4, p. 12-33, mar. 2025. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/15207>.

Acesso em: 12 ago. 2026.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador*. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, ANPOCS, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização de Flavia Rios e Marcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.



HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

hooks, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 857-864, 2008. DOI: 10.1590/S0104-026X2008000300007.

INCT ANTIRRACISMO. *Conversa com Griot* [podcast]. Spotify, 10 jul. 2026. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5POxq5kTjiNkjDC9bJwqfq>. Acesso em: 12 ago. 2026.

INCT ANTIRRACISMO. *Conversa com Griot* [vídeo]. YouTube, 10 jul. 2026. Disponível em: <https://youtu.be/luHk80IM3DQ>. Acesso em: 12 ago. 2026.

MELO, Glenda Cristina Valim de. Anúncios de comercialização de escravos no século XIX: trajetória textual, entextualizações e ordens indexicais mobilizadas em anúncios na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 19, p. 871-900, 2019.

MELO, Glenda Cristina Valim de. Racist Discourse Circulating in the Media in Times of Crisis. *DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 41, p. e202541474004, 2025.

REGIS, Kátia Evangelista; GOMES, Nilma Lino; NHALEVILO, Emília Afonso. Possibilidades de fundamentos epistemológicos para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil: reflexões a partir do contexto africano. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 70-99, 2022. DOI: 10.23925/1809-3876.2022v20i1p70-99.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Linguagem e letramentos de reexistências: exercícios para reeducação das relações raciais na escola. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 67-76, 2016.